

GIOVENE DONNA SOTTO UN VERDE LAURO

Francesco Petrarca

Giovene donna sotto un verde lauro
vidi, più bianca et più fredda che neve
non percossa dal sol molti et molt' anni;
e 'l suo parlare, e 'l bel viso, et le chiome
mi piacquen sì, ch'ì' l'ò dinanzi a gli occhi,
ed avrò sempre, ov'io sia, in poggio o 'n riva.

Allor saranno i miei pensieri a riva,
che foglia verde non si trovi in lauro;
quando avrò queto il core, asciutti gli occhi,
vedrem ghiacciare il foco, arder la neve;
non ò tanti capelli in queste chiome
quanto vorrei quel giorno attender anni.

Ma, perché vola il tempo et fuggon gli anni,
sì ch'a la morte in un punto s' arriva,
o colle brune o colle biache chiome,
seguirò l' ombra di quel dolce lauro,
per lo più ardente sole et per la neve,
fin che l'ultimo dì chiuda quest' occhi.

Non fûr già mai veduti sì begli occhi
o ne la nostra etade o ne' prim' anni,
che mi struggon così come 'l sol neve;
onde procede lagrimosa riva,
ch' Amor conduce a pie' del duro lauro
ch'à i rami di diamante et d'or le chiome.

l' temo di cangiar pria volto et chiome
che con vera pietà mi mostri gli occhi
l' idolo mio scolpito in vivo lauro;
ché, s'al contar non erro, oggi à sett'anni
che sospirando vo di riva in riva
la notte e 'l giorno, al caldo ed a la neve.

Dentro pur foco, et fôr candida neve,
sol con questi pensier, con altre chiome,
sempre piangendo andrò per ogni riva,
per far forse pietà venir ne gli occhi
di tal che nascerà dopo mill' anni,
se tanto viver pò ben colto lauro.

L' auro e i topacii al sol sopra la neve
vincon le bionde chiome presso a gli occhi
che menan gli anni miei sì tosto a riva.

UMA JOVEM MULHER SOB VERDE LOURO

Tradução de Fabricio Possebonⁱ

Uma jovem mulher sob verde louro
eu vi, mais branca e mais fria do que a neve,
sem ser exposta ao sol por muitos anos,
sua fala e bela face e seus cabelos
me agradaram e os tenho nos meus olhos,
e sempre terei, estando em monte ou praia.

Serão pois pensamentos meus na praia,
que folha verde não se ache no louro,
quando calar o peito, secando olhos,
veremos gelar fogo, ardendo neve;
não tenho tantos fios nestes cabelos
quantos queria, na espera destes anos.

Mas porque o tempo voa e fogem os anos,
e a morte, num instante, já se espraia,
ou com negros ou com brancos cabelos,
seguirei a sombra desse doce louro,
pelo sol mais ardente e pela neve,
até que o último dia cerre estes olhos.

Nunca tais foram vistos belos olhos,
ou na velhice ou nos primeiros anos,
que me consomem, como o sol a neve;
donde vem lacrimoso rio que raia,
e o Amor conduz ao pé do duro louro,
com ramos de diamante e áureos cabelos.

Temo tornar-me velho, nos cabelos
e na face; que mostrem meus pios olhos
minha imagem talhada em vivo louro,
que, se não erro, completa hoje sete anos,
e suspirando sigo, de praia em praia,
pelo dia e pela noite, sol ou neve.

Dentro, fogo, mas fora, clara neve,
e assim pensando, com outros cabelos,
sempre chorando irei por toda praia,
que a piedade talvez venha aos meus olhos,
e nascerá de tal, após mil anos,
se tanto viver pode o culto louro.

A ouro e topázio ao sol, postos na neve,
louros cabelos vencem, junto aos olhos,
levando logo os meus anos à praia.

NOTA EXPLICATIVA

Francesco Petrarca (1304-1374), junto com Dante Alighieri (1265-1321; autor da *Divina Commedia*) e Giovanni Boccaccio (1313-1375; autor do *Decameron*), compõe o que a tradição chama de pilares da literatura italiana. Embora Petrarca tenha escrito principalmente em latim, sendo esta a língua de prestígio em sua época, o seu Cancioneiro (*Canzoniere*) o consagrou como modelo da língua então chamada de vulgar. Petrarca denominou esta coleção lírica de *Rerum Vulgarium Fragmenta*, ou seja, *Fragmentos em Língua Vulgar*. O manuscrito mais extenso possui 366 poemas, sendo frequente o Soneto, mas também comparecem as Canções (*Canzone*), o Madrigal (*Madrigale*), a Balada (*Ballata*) e a Sextina (*Sestina*). Segundo revela a correspondência do autor, estes poemas foram compostos ao longo de toda a sua vida.

Há que desconfiar sempre, em toda a produção do poeta, do termo “lauro” = louro ou loureiro (em italiano é sinônimo também *alloro*), pela correspondência com Laura. Trata-se de uma dama que Petrarca viu na Igreja de Santa Clara de Avinhão, em 6 de abril de 1327, e que ficará para sempre como o seu modelo. Pouco se sabe da identidade desta dama de Avinhão, mas o poeta devia ter suas fontes, e lamentou muito com a notícia de sua morte, ocorrida em 6 de abril de 1348. Coincide assim o dia e também a hora de sua morte, que o poeta dirá “sull’ora prima”, ou seja, na primeira hora, na qual ele a viu e na qual ela morreu.

A composição que aqui apresentamos é uma sextina, poema de número trinta na edição que consultamos (*Canzoniere*, Francesco Petrarca, Introdução e notas de Alberto Chiari, Milão: Oscar Mondadori, 2002). Aproveitamos muitas notas explicativas desta edição. O esquema métrico da *sextina* é constituído por seis estrofes de seis versos endecassílabos italianos, tendo o acento tônico fixado na sexta e décima sílabas, sobrando uma sílaba depois da tônica e assim totalizando onze (o que corresponde ao decassílabo em língua portuguesa). Em cada estrofe as rimas são sempre as mesmas, variando a ordem apenas. A *sextina* conclui com uma estrofe de três versos, contendo as seis rimas, três no final e três no interior dos versos.

Nesta composição de Petrarca, um dos desafios da tradução é a palavra “riva” (borda, praia), pela sua multiplicidade de significados, dada pelo poeta. Na terceira

estrofe aparece “arriva” (chega, aproxima-se), em que o poeta faz a etimologia do termo, algo como: “riva” = borda, “arriva” = aborda. Nossa solução foi “riva” = praia, “arriva” = espraia. Na quarta estrofe, “lagrimosa riva” parece estar por “lagrimoso rivo” = lacrimoso rio dos belos olhos, do primeiro verso da estrofe. Afastamos um tanto do texto original introduzindo “que raia”, ou seja, “lacrimoso rio que brilha”. Na estrofe final de três versos, em que todas as rimas reaparecem, o termo “lauro” = louro, vem como “l’auro” = o ouro. Nossa solução para isto foi o termo “louro”, com seus significados de designação da planta e da cor dos cabelos, traduzindo ao mesmo tempo o italiano “bionde” = loiro ou louro.

Por fim registramos que esta tradução é um exercício e também um convite para que o leitor adentre a obra de Petrarca, encontrando assim a grandeza e a beleza que ela contém.

NOTAS

ⁱ Professor Doutor Fabricio Possebon do Departamento de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. Possui graduação em Letras: grego e português pela Universidade de São Paulo (1999), graduação em Engenharia Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985), mestrado em Letras - Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2000, *Batracomiomaquia* - estudo e tradução) e doutorado em Letras pela UFPB (2007, *O épico De Gestis Mendi de Saa de José de Anchieta*).